

LUIZ PAULO DA MOITA LOPES (org.)

POR UMA LINGÜÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

Branca Falabella Fabrício
Alastair Pennycook
Luiz Paulo da Moita Lopes
Ben Rampton
B. Kumaravadivelu
Kanavillil Rajagopalan
Inês Signorini
Sifree Makoni e Ulrike Meinhof
Cynthia D. Nelson
Marilda do Couto Cavalcanti
Roxane Rodrigues Rojo



Sumário

AGRADECIMENTOS	11
INTRODUÇÃO: UMA LINGÜÍSTICA APLICADA MESTIÇA E IDEOLÓGICA: INTERROGANDO O CAMPO COMO LINGÜISTA APLICADO	
<i>Luiz Paulo da Moita Lopes</i>	13
Como surgiu o livro	13
Uma primeira palavra	14
Para além da distinção entre aplicação de lingüística e lingüística aplicada .	17
Por que repensar outros modos de teorizar e fazer lingüística aplicada?	21
Novos tempos, novas teorizações	22
O preço da indisciplina em lingüística aplicada	26
Saboreando os capítulos	27
Referências	42
CAPÍTULO 1: LINGÜÍSTICA APLICADA COMO ESPAÇO DE DESAPRENDIZAGEM: REDESCRITÕES EM CURSO	
<i>Branca Falabella Fabrício</i>	45
Mundo em movimento	45
O momento contemporâneo	46
Epistemologias concorrentes em lingüística aplicada: mutações em curso	48
O território movente da linguagem: um olhar contemporâneo	53
A desaprendizagem como possibilidade de conhecimento	59
A pluralidade de nossos tempos: ética como horizonte norteador	61
Referências	63
CAPÍTULO 2: UMA LINGÜÍSTICA APLICADA TRANSGRESSIVA	
<i>Alastair Pennycook</i>	67
Teorias transgressivas	72
As viradas lingüística, somática e performativa	77
A lingüística aplicada transgressiva	82
Referências	83
CAPÍTULO 3: LINGÜÍSTICA APLICADA E VIDA CONTEMPORÂNEA: PROBLEMATIZAÇÃO DOS CONSTRUTOS QUE TÊM ORIENTADO A PESQUISA	
<i>Luiz Paulo da Moita Lopes</i>	85
Outras vozes e outros conhecimentos	85
Preparando uma agenda para a lingüística aplicada contemporânea: renarrar a vida social	90

Uma lingüística aplicada contemporânea	96
A imprescindibilidade de uma lingüística aplicada híbrida ou mestiça..	97
A lingüística aplicada como uma área que explode a relação entre teoria e prática	100
Um outro sujeito para a lingüística aplicada: as vozes do Sul.....	101
A lingüística aplicada como área em que ética e poder são os novos pilares	103
A lingüística aplicada como lugar de ensaio da esperança	104
Referências	105
CAPÍTULO 4: CONTINUIDADE E MUDANÇA NAS VISÕES DE SOCIEDADE EM LINGÜÍSTICA APLICADA	
<i>Ben Rampton</i>	109
Introdução	109
A sociolingüística na interface tradição/modernidade	110
A sociolingüística na interface modernidade/pós-modernidade	113
Alguns temas da sociolingüística pós-moderna	115
A lingüística aplicada na modernidade recente	119
A situação negligenciada	123
Referências	126
Anexo	128
CAPÍTULO 5: A LINGÜÍSTICA APLICADA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	
<i>B. Kumaravadivelu</i>	129
Introdução	129
O conceito de globalização	130
A fase atual da globalização	131
Globalização cultural	131
Transformação de derivante para autônoma	136
Transformação do moderno para o pós-moderno	139
Transformação de colonial para pós-colonial	143
Conclusão	146
Referências	147
CAPÍTULO 6: REPENSAR O PAPEL DA LINGÜÍSTICA APLICADA	
<i>Kanavillil Rajagopalan</i>	149
Introdução: um esclarecimento	149
Sinais positivos de mudança	149
A crise na/da lingüística	150
<i>A promessa</i>	151
<i>Uma lingüística de resultados</i>	152
<i>Uma ciência para ninguém “botar defeito”</i>	152
<i>Decepção</i>	152
A lingüística teórica e a falta de compromisso com questões de ordem prática	155
<i>A lingüística e a neutralidade científica</i>	155

<i>A lingüística e o descaso com a opinião leiga</i>	155
<i>A lingüística e o descaso com o social</i>	156
A lingüística na torre de marfim e sua relevância para a vida na terra ..	158
Uma lingüística voltada para questões práticas	159
Bons ventos	160
<i>Lingüística de corpus</i>	160
<i>Metacognição</i>	161
<i>Lingüística crítica e objetivo intervencionista</i>	163
<i>Teorias globais, práticas locais</i>	164
Considerações finais	165
Referências	166

**CAPÍTULO 7: A QUESTÃO DA LÍNGUA LEGÍTIMA NA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA:
UM DESAFIO PARA A LINGÜÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA**

<i>Inês Signorini</i>	169
Introdução	170
Inverter a lógica vigente de legitimação pela norma	171
Rever a lógica vigente da polarização diglössica	173
Rever a partilha vigente entre afásicos e porta-vozes	177
Pressupostos e desafios no campo aplicado dos estudos da linguagem ..	181
Considerações finais	188
Referências	189

**CAPÍTULO 8: LINGÜÍSTICA APLICADA NA ÁFRICA: DESCONSTRUINDO A NOÇÃO
DE LÍNGUA**

<i>Sinfree Makoni & Ulrike Meinhof</i>	191
Introdução	191
Processos na construção social da língua	193
A noção de língua em lingüística aplicada e o público leigo	195
Pressuposto 1: A função primária da linguagem é transmitir informação factual	198
<i>Línguas nativas como línguas cristãs</i>	199
Pressuposto 2: As línguas existem ontologicamente fora de um evento comunicativo	201
Pressuposto 3: As línguas compreendidas como constituídas de unidades distintas e o linguacismo duplo	202
Pressuposto 4: As línguas têm nomes	207
Do conhecimento local para a lingüística aplicada	208
Conclusão	209
Referências	211

**CAPÍTULO 9: A TEORIA QUEER EM LINGÜÍSTICA APLICADA: ENIGMAS SOBRE
“SAIR DO ARMÁRIO” EM SALAS DE AULA GLOBALIZADAS**

<i>Cynthia D. Nelson</i>	215
Enigmas sobre “sair do armário”	217

<i>Tony: no armário?</i>	217
<i>A perspectiva do professor</i>	218
<i>As perspectivas dos estudantes</i>	218
<i>Pensando transculturalmente</i>	219
<i>Gina: 'saindo do armário'?</i>	222
<i>A perspectiva da professora</i>	222
<i>A perspectiva de uma estudante</i>	223
<i>As ambigüidades da construção do significado</i>	224
<i>Roxanne: nenhuma identidade sexual?</i>	225
<i>A perspectiva da professora</i>	225
<i>A perspectiva de um estudante</i>	226
<i>Desfazendo os nós das identidades sexuais</i>	227
Desencontros <i>queer</i> de significados	229
Referências	231

CAPÍTULO 10: UM OLHAR METATEÓRICO E METAMETODOLÓGICO EM PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA: IMPLICAÇÕES ÉTICAS E POLÍTICAS

<i>Marilda C. Cavalcanti</i>	233
Introdução	233
O contexto e a metodologia de pesquisa: no “território do Outro” onde estou eu, pesquisadora, também uma outra Outra?	236
O arcabouço teórico – o território construído na e além da lingüística aplicada	239
<i>Caminhos da pesquisa aplicada em situações-limite:</i>	
<i>o olhar demandado pelo interesse sócio-histórico</i>	239
<i>Foco na construção de identidades étnicas e representações sociais</i>	240
Continuando a leitura da teia em que me enredo – uma entrada na análise dos dados	242
<i>Excertos de aula de português</i>	242
<i>Escola e identidades étnicas</i>	247
Considerações finais – Foco em minorias: questões éticas e compromisso político, implicações para o fazer pesquisa e para o fazer pesquisa “de dentro”	249
Referências	251

CAPÍTULO 11: FAZER LINGÜÍSTICA APLICADA EM PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: PRIVAÇÃO SOFRIDA E LEVEZA DE PENSAMENTO

<i>Roxane Helena Rodrigues Rojo</i>	253
Interdisciplinaridade em lingüística aplicada: condição de possibilidade da perspectiva sociocultural ou sócio-histórica	254
O que é fazer lingüística aplicada? Um consenso atual da comunidade ..	257
Como fazer lingüística aplicada? Um dissenso da comunidade	259
Uma maneira de fazer lingüística aplicada: a perspectiva sócio-histórica ..	261
Em síntese	273
Referências	274

SOBRE OS AUTORES	277
------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica INTERROGANDO O CAMPO COMO LINGÜISTA APLICADO

Luiz Paulo da Moita Lopes

“Os cruzamentos de disciplinas ainda estão para acontecer...” (GRUZINSKI, 2001: 44).

“Concebemos a pós-modernidade não como uma etapa ou tendência que substituiu o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equivocados que ele amarrou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se” (CANCLINI, 1997: 28).

*“[Precisamos fazer a nós mesmos] perguntas rigorosas de natureza política, metodológica e epistemológica sobre os interesses a que serve todo empreendimento de pesquisa”
(ROMAN, 1993: 78).*

COMO SURTIU O LIVRO

Há quatro anos venho pensando sobre as idéias que acabaram por me levar à organização deste volume. Primeiramente, comecei a expressá-las na mesa-redonda de abertura do VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Associação de Lingüística Aplicada do Brasil - ALAB), em 2001, na UFMG; a seguir, no simpósio que coordenei no Congresso Mundial de Lingüística Aplicada da Associação Internacional de Lingüística Aplicada (AILA, 2002), em Cingapura, e, finalmente, em uma mesa-redonda que organizei no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), em 2003, no Rio de Janeiro. O livro é, portanto, resultado de debates em eventos no campo da lingüística aplicada dos quais participei nesse período, no Brasil e no exterior, com alguns colegas (notadamente, Inês Signorini, Kanavillil Rajagopalan e Alastair Pennycook), cujas contribuições são incluí-

das aqui. É também influenciado por minhas participações em congressos interdisciplinares em várias partes do mundo (especialmente, nos campos de estudos culturais, ciências sociais, estudos de gênero e sexualidade e teorias socioculturais) que me conduziram à necessidade de pensar uma lingüística aplicada (LA) que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e das humanidades. Esse movimento que vou chamar de LA mestiça, obviamente de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, tem sido notado no trabalho de muitos pesquisadores, que, ao tentarem *criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central* (a visão de LA com que opero hoje), têm sentido a necessidade de vincular seu trabalho a uma epistemologia e a teorias que falem ao mundo atual e que questionem uma série de pressupostos que vinham informando uma LA modernista (veja, por exemplo, a crítica que Pennycook, 1998, faz a tal LA).

Explica-se assim a tentativa que este livro representa ao reunir pesquisadores que têm procurado ir além da discussão, agora já envelhecida, sobre a diferença entre aplicação de lingüística e lingüística aplicada, no interesse de construir novos modos de teorizar e fazer LA. Dessa forma, inicio esta introdução recuperando visões anteriores de LA, na tentativa de situar como vejo os desenvolvimentos atuais para, a seguir, levantar posições contemporâneas e, concluir, apresentando as várias contribuições que constituem este livro.

UMA PRIMEIRA PALAVRA

Começar um livro cujo objetivo é apontar novos direcionamentos para uma área de pesquisa em que se trabalha é um empreendimento difícil, uma vez que está implícita em tal proposição uma insatisfação em relação ao modo como as coisas estão nesse campo, ainda que se fale como um pesquisador de dentro dessa área e se discorde dos próprios percursos anteriores de investigação. O ponto a que estou me referindo tem a ver, portanto, com o desejo de propor *uma mudança possível* do curso do barco em uma área de investigação, sem pular fora dele, ao mesmo tempo em que se contempla a hipótese de que nem todos têm que tomar o mesmo barco. Está aqui, já de início, explícita a idéia de que não se almeja com este livro uma uniformização para o nosso campo (ainda que tal empreitada fosse possível!), ou seja, não se objetiva que todos tenham de optar pelas mesmas escolhas teóricas e metodológicas e seguir uma “nova verdade”.

Aqui se apresentam certas tendências de como ver a LA, que representam determinadas escolhas teóricas, visões de mundo, valores etc., o que não quer dizer que essas sejam as únicas possíveis e nem que todos os pesquisadores incluídos neste volume concordariam em relação à vasta gama de questões discutidas em todos os capítulos. Em outras palavras, não se pretende aqui apontar que estamos diante de uma nova “escola” de LA, com princípios explícitos, na qual aqueles que assinam os trabalhos que constituem o volume se encaixem perfeitamente em um quadro bem delineado. De fato, na pesquisa como na vida social, raramente, os pesquisadores/as pessoas se amoldam em formas ou pensam homogeneamente. Seria incongruente com a proposta abaixo de um sujeito social heterogêneo e de uma LA continuamente auto-reflexiva (veja a posição de Pennycook, neste volume, sobre LA como prática problematizadora), argumentar diferentemente. Além disso, Rampton (1997) indica que a LA está se tornando “um espaço aberto” ou “com múltiplos centros” (Rampton, neste volume), no qual se encontram concepções similares e divergentes de LA. Note-se, porém, o lamento expresso por Davies (1999: 141) em relação à desistência da construção de um projeto de uma LA unificada e coesa, que a visão de Rampton (1997), como de fato a de outros pesquisadores, neste livro, indica.

Por outro lado, mesmo não compreendendo minha posição como a de alguém que possa ser colocado no rol dos pesquisadores que fazem o que Davies (1999: 145) chama de “LA ‘normal’”¹, acredito que todos aqueles que contribuem para este volume também não o possam. Isso não quer dizer que esses pesquisadores são aqui carimbados com o rótulo daqueles que fazem LA ‘anormal’ (como se normalidade e anormalidade não fossem construções sociais, refletindo posicionamentos a respeito de que lado da fronteira se está localizado na produção de conhecimento), mas que compartilham alguns princípios gerais, notadamente, a necessidade de atentar para teorizações extremamente relevantes nas ciências sociais e nas humanidades que precisam ser incorporadas à LA. Tais teorizações, como se verá, se prendem principalmente a compreensões referentes à natureza do sujeito social, advindas de uma problematização dos ideais modernistas, que têm implicações de natureza epistemológica.

¹ Davies (1999: 145), no glossário incluído ao final de seu livro, define a chamada LA crítica como “uma abordagem avaliativa da LA ‘normal’, desenvolvida por alguns linguistas aplicados, com base na idéia de que a LA não está interessada na transformação da sociedade. LA ‘normal’, de acordo com minha leitura de Davies (1999), se refere à tradição de estudos que tem uma forte dependência da lingüística, sendo também marcada por visões modernistas de produção de conhecimento.

As áreas de investigação mudam quando novos modos de fazer pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, são percebidos como mais relevantes para alguns pesquisadores que, ao adotar persuasões particulares, começam a ver o mundo por meio de um par diferente de óculos, por assim dizer, passando a *construir* (ênfasis: *construir*) o quê e o como se pesquisa de modos diferentes. O que este livro faz é apontar algumas tendências em relação à necessidade de usar tal par de óculos de forma que seja possível abordar o campo da LA de um ângulo diferente.

Após ter escrito e ministrado cursos continuamente sobre a natureza da LA, interrompi essas atividades durante oito anos. Minha última contribuição (Moita Lopes, 1998) para essa questão aparece em um volume sobre transdisciplinaridade e pesquisa em LA, organizado por Signorini & Cavalcanti, em 1998. Por um lado, isso indica que eu não tinha então mais nada a dizer sobre o tema; e, por outro, que a necessidade política de estabelecer o campo da LA no Brasil como uma área de investigação, o que estava, de fato, por trás de muitos textos e da discussão nos anos 1980 e 1990 (cf., por exemplo, Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1990; Celani, 1992, Kleiman, 1992), havia desaparecido. A LA é um campo agora relativamente bem estabelecido no Brasil, apoiado institucionalmente por muitos programas de pós-graduação e pelas agências que financiam a pesquisa, assim como por uma associação científica (a Associação de Linguística Aplicada do Brasil – ALAB). O que não quer dizer, porém, que muitos de fora do campo não se perguntem o que é LA.

De fato, não têm sido poucas as vezes que tenho visto, ainda nos nossos dias, a pesquisa em LA caracterizada como a “outra linguística”. Trata-se, na verdade, de uma área que é fonte de perplexidade para muitos colegas de outros campos dos chamados estudos linguísticos (cf. Moita Lopes, 2004). As relações com a linguística têm sido fonte de constante indagação e confusão, uma vez que a lógica da linguística (ainda que seja difícil estabelecer claramente isso hoje) não funciona diante dos princípios que caracterizam a investigação em LA (cf. Signorini, 1998a). A perplexidade advém freqüentemente do empreendimento de tentar encontrar na LA o que é ou não linguística, o que serviria como instrumento de validação. Ecoando Evensen (1998), pode-se dizer que a pêra só é legitimada com base no que tem de maçã na pêra. E é claro que o próprio nome da área, linguística aplicada, colabora na formulação e uso dessa lógica da maçã, o que também já foi bastante discutido (cf. Cavalcanti, 1998), embora Pennycook, neste volume, aponte que a linguística, “em muitas de suas manifestações atuais”, seja de “interesse periférico” e “[tire] nossa atenção das questões que precisamos focalizar”.

Ainda que se possa considerar que muito desse desconforto sobre a LA seja uma reação ao fato de ela ser uma área que atrai muitos alunos no Brasil e no exterior e que sua afirmação e fortalecimento nos últimos quinze anos no Brasil provocou uma reorganização dos estudos lingüísticos em relação ao poder acadêmico e ao financiamento da pesquisa, acredito que seja necessário considerar a razão pela qual o campo da LA causa tal dificuldade de compreensão. Penso que este livro não vai tornar as coisas mais fáceis para a LA. Sou de opinião de que vamos continuar a ser vistos como “o outro” no vasto campo dos estudos lingüísticos, e, na verdade, cada vez mais assim, devido à natureza do que fazemos e de como o fazemos, uma vez que uma das características da LA contemporânea é o envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente (cf. Pennycook, 2001: 171). Tal característica pode ser bastante problemática para campos cristalizados, seguidores de visões de conhecimento como construção de verdade.

Essa dificuldade é principalmente maior para aqueles que atuam no campo dos estudos lingüísticos sem familiaridade com muito da discussão nas humanidades e nas ciências sociais, onde a pesquisa em LA está situada (cf. Cavalcanti, neste volume). Em outras palavras, isso é especialmente um problema para aqueles que trabalham com definições muito claras (fundamentalistas ou essencialistas, talvez?) do que o campo de estudos da linguagem é e faz, ainda que eu seja de opinião de que tal distinção é cada vez mais difícil de fazer, no Brasil e em outras partes do mundo, mesmo no campo do que é chamado de lingüística atualmente. Basta examinar os projetos vinculados ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), na macroárea de lingüística, para entender a diversidade de tal campo. Ao apontar as mudanças que vejo em nossa área e, na verdade, em muitas outras áreas, e, ao introduzir os capítulos que seguem, espero deixar claros os problemas relacionados com as perplexidades que envolvem o campo da LA.